

JAMES HARRIS E O *HERMES*

José Borges Neto

RESUMO

O texto introduz brevemente o gramático setecentista James Harris (1709-1780), bem como seu trabalho mais conhecido - *Hermes, a philosophical inquiry concerning universal grammar*, publicado em 1751. Destaca-se particularmente a recepção que *Hermes* teve de seus contemporâneos e algumas características centrais que o singularizam no contexto do pensamento gramatical setecentista.

Palavras-chave: *Linguística do séc. XVIII. James Harris. Hermes.*

ABSTRACT

The text briefly introduces the 18th century grammarian James Harris (1709-1780), as well as his best-known work -- *Hermes, a philosophical inquiry concerning universal grammar*, first published in 1751. We particularly highlight *Hermes'* reception by its contemporaries and the central tenets that singularize it in the context of eighteenth-century grammatical thinking.

Keywords: *18th century linguistics. James Harris. Hermes.*

Não é fácil encontrar unidade nos estudos linguísticos do século XVIII. Um esboço claramente simplificado do quadro geral pode identificar duas linhas de pensamento. Parte do pensamento linguístico setecentista é uma continuação do pensamento grammatical do século anterior. Na França, por exemplo, a linguística do XVIII é, essencialmente, aprofundamento e desenvolvimento das ideias expostas na *Grammaire Générale et Raisonée*, de Arnauld e Lancelot (publicada em 1660), e na *Logique ou l'Art de penser*, de Arnauld e Nicole (publicada em 1662). A outra linha de pensamento – mais desenvolvida na Alemanha (mas não só) – não é estritamente grammatical, mas está voltada a questões mais gerais sobre a linguagem, como, por exemplo, a questão da origem da linguagem e da diversidade linguística. Essas ideias mais gerais, que num certo sentido poderíamos chamar de “filosóficas” mais do que gramaticais, podem ser entendidas, retrospectivamente, como preliminares do pensamento comparatista e historicista do século XIX. É interessante notar que Robins trata a linguística do século XVIII em dois capítulos distintos em sua *Pequena História da Linguística* (ROBINS, 1979): parte dela no capítulo 5, que tem por título “O Renascimento e o período subsequente” e a outra parte no capítulo 6, que tem por título “Véspera dos tempos modernos”.

Se adotarmos o critério de Robins, podemos – por meio de outra simplificação óbvia – entender que parte do pensamento linguístico setecentista se volta para o passado e que outra parte antevê o futuro. O século XVIII, do ponto de vista dos estudos linguísticos, parece ser, então, um século de transição.

Exatamente na metade do século – em 1751 – o inglês James Harris publicou um livro intitulado *Hermes, a philosophical inquiry concerning universal grammar*. Nesse livro, Harris se volta ao passado e fundamenta seu raciocínio basicamente nos “clássicos” gregos, mas a maior repercussão de sua obra vai se dar entre os que “anteviam o futuro”. James Harris será incluído por Robins entre os pensadores que “antecipam os tempos modernos”, embora tenha suas raízes na Antiguidade. Ao olharmos o que acontecia, principalmente na Alemanha, nessa segunda metade do século XVIII, podemos entender a intenção de Robins, assim como a razão do interesse por Harris basicamente por quem se voltava para a questão da origem e da evolução das línguas (como James Beattie e Lord Monboddo, na Inglaterra) ou pelos precursores do Romantismo (como Herder e Humboldt, na Alemanha).

Apesar de muito criticado pelos contemporâneos, o *Hermes* influenciou muitos pensadores e permitiu que Georges Mounin (1968, p. 60) considerasse Harris: “[...] le plus remarquable grammairien des siècles classiques [...]” [o gramático mais notável dos séculos clássicos]¹.

O autor

34

James Harris foi um político e intelectual inglês. Era sobrinho, por parte de mãe, de Anthony Ashley Cooper (1671-1713), 3º Conde de Shaftesbury, político, filósofo e escritor, um dos principais representantes do Iluminismo na Inglaterra, cujo pensamento exerceu grande influência nas ideias de Harris.

Nasceu em Salisbury, Wiltshire, onde recebeu as primeiras letras. Estudou no Wadham College, em Oxford, e no Lincoln's Inn, prestigiosa escola de leis, em Londres. Ao terminar seus estudos, trabalhou como juiz. Em 1733, com a morte de seu pai, herdou grande fortuna. De 1761 até sua morte foi membro do Parlamento da Inglaterra. Em 1763 tornou-se Lorde do Almirantado e, no mesmo ano, Controlador do Tesouro da Rainha. Foi eleito Membro da Royal Society também em 1763.

Harris era amante da música: dirigiu concertos e festivais de música em Salisbury e acrescentou letras para obras de compositores italianos e alemães, além de escrever uma série de pastorais. Segundo Stavelas (1996, p. 8, n. 20), Harris era admirador e amigo de Georg Friedrich Händel (1685-

1 Todas as traduções dos trechos em inglês e francês são de minha autoria (JBN).

1759), importante compositor barroco, naturalizado inglês em 1726, e tentou transformar Salisbury num centro de música e artes.

Seu interesse maior, no entanto, sempre foi o estudo dos clássicos gregos e latinos – particularmente Aristóteles e seus comentadores. Era, no entanto, um escritor nato. Como se lê em sua biografia publicada na *História do Parlamento*, “nunca ficava feliz sem uma caneta em suas mãos, desde o dia de sua entrada no Parlamento ele manteve um jornal que registrava os debates que ocorriam lá.”

Os principais trabalhos de Harris são, em ordem cronológica de publicação²:

- 1) *Três Tratados* (“Three Treatises”) – “sobre arte”, “sobre música, pintura e poesia” e “sobre a felicidade” – publicado em 1744;
- 2) *Hermes, uma investigação filosófica sobre [a linguagem e] a gramática universal* (“Hermes, a philosophical inquiry concerning [language and] universal grammar”)³, publicado em 1751 em primeira edição, com sucessivas reedições na língua original: 1765, 1771, 1773, 1786, 1794, 1806, 1816 e 1825;
- 3) *Arranjos Filosóficos* (“Philosophical Arrangements”), publicado em 1755;
- 4) *Investigações Filológicas* (“Philological Inquiries”), publicado postumamente em 1781.

O conjunto de seus escritos foi reunido – e publicado postumamente – por seu filho, também chamado James Harris (1746-1820), primeiro Conde de Malmesbury⁴.

André Joly (em THUROT, 2004, p. 8) afirma que a influência do pensamento de Harris é considerável nessa segunda metade do século XVIII e justifica sua afirmação listando uma série de estudiosos ingleses (e um norte-

2 Desses quatro obras, apenas as duas primeiras merecerão alguma menção neste trabalho.

3 A referência à linguagem só aparece na primeira edição, sendo suprimida nas seguintes. As traduções para o francês e para o alemão também suprimem essa referência.

4 Ver Harris (1801).

americano) que, notadamente, se inspiraram em Harris: Robert Lowth, Joseph Priestley, William Ward, James Beattie, Lord Monboddo e Lindley Murray⁵.

Outro indício da importância do pensamento de Harris está no fato de que, ainda no século XVIII, *Hermes* teve duas traduções: uma para o alemão, em 1788, e outra para o francês, em 1796.

A tradução para o alemão, de 1788, é de Christoph Gottfried Ewerbeck (1761-1837). Ewerbeck era matemático e filósofo, e traduziu para o alemão, além do *Hermes* de Harris, a *Dissertação sobre a origem das línguas*, de Adam Smith, acrescentada como apêndice na sexta edição de seu livro *The Theory of Moral Sentiments* (a 1^a ed. é de 1759 e a 6^a ed. é de 1790), o que indica que a questão da origem das línguas estava no escopo dos interesses de Ewerbeck.

Há outros indícios do interesse que o *Hermes* de Harris despertava na Alemanha, particularmente por quem se voltava às questões relacionadas à origem das línguas e à diversidade linguística. André Joly (em THUROT, 2004, p. 8, n.5), por exemplo, nos fala de uma carta que o filósofo alemão Johann Georg Hamann (1730-1788) teria escrito para Johann Gottfried Herder (1744-1803), em 7 de setembro de 1768, aconselhando a leitura do *Hermes* – “leitura indispensável” para o livro que Herder estava escrevendo⁶.

Joly fala, também, que as ideias de Harris tiveram influência no pensamento de Wilhelm von Humboldt (1767-1835), “ [...] já que elas estão, provavelmente, na origem da distinção entre o *ergon* e a *energeia* que Humboldt fará [...]” (THUROT, 2004, p. 8-9). Sobre a influência de Harris no pensamento de Humboldt, Hans Aarsleff nos conta o seguinte caso, retirado da correspondência entre Humboldt e Friedrich Schiller (1759-1805):

36

Em 6 de novembro de 1795, Schiller pede conselho sobre livros para o estudo do grego. Em sua resposta (20 de novembro de 1795) Humboldt menciona a tradução de C. G. Ewerbeck do livro

5 Robert Lowth (1710-1787), bispo da Igreja Anglicana e autor de uma gramática pedagógica muito influente, publicada em 1762 com o título de *A Short Introduction to English Grammar*.

Joseph Priestley (1733-1804), químico (envolvido na polêmica sobre o flogisto com Lavoisier), teólogo, gramático e educador, publicou em 1761 a obra *The Rudiments of English Grammar*.

James Beattie (1735-1803), poeta e filósofo, publicou em 1788 a obra, em duas partes, *The Theory of language* (Parte I: Of the origin and general nature of speech; Part II: Of universal grammar).

Lord Monboddo (batizado em 1714, com o nome de James Burnett, e falecido em 1799), juiz, filósofo e precursor da teoria da evolução, publicou *Of the Origin and Progress of Language*, obra em 6 volumes, entre 1773 e 1792; correspondia-se com James Harris.

Lindley Murray (1745-1826), advogado e gramático americano (nasceu na Pennsylvania), escreveu uma série de livros didáticos para o ensino do inglês, usados intensivamente nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha, entre os quais uma *English Grammar Adapted to the Different Classes of Learners*, publicada em 1795. [As informações sobre esses autores foram obtidas, basicamente, na Wikipédia, versão em inglês]

6 À época, Herder estava escrevendo seu bem conhecido *Abhandlung über den Ursprung der Sprache* [Ensaio sobre a Origem da Linguagem], que recebeu o prêmio da Academia de Ciências de Berlim em 1769 e foi publicado em 1772. Ver Herder (1987).

de Harris, *Hermes, oder eine philosophische Untersuchung über die Sprach und die allgemeine Grammatik* (1788), “uma boa tradução para o alemão que está entre meus livros” (Humboldt, 1962, I, 228). (AARSLEFF, 1962, p. 350, n. 6)⁷

Também Patrick Hutchings, em seu livro *Kant on Absolute Value* (HUTCHINGS, 1972, p. 24 e seguintes) admite que Immanuel Kant (1724-1804) poderia ter lido os *Três Tratados* de Harris, já que o terceiro tratado (*Sobre a felicidade*) apresenta “notáveis semelhanças” com a *Fundamentação da metafísica dos costumes* de Kant, “ao mesmo tempo em que há notáveis divergências” entre os dois textos. Os *Três Tratados* foram traduzidos para o alemão em 1756 e a *Fundamentação* será publicada em 1786, havia, portanto, tempo suficiente para que Kant tivesse acesso às ideias de Harris⁸.

Enfim, aparentemente, Harris gozava de certa fama na Alemanha nessa segunda metade do século XVIII.

A repercussão que seus trabalhos conseguiram na Alemanha não se repetiu em outros lugares. Nem mesmo na própria Inglaterra. Apesar do *Hermes* ter tido nove edições em inglês (entre 1751 e 1825), o que mostra que obteve reconhecimento, Robins (1979, p. 125) nos diz que: “[o] *Hermes* de Harris só se tornou provavelmente mais conhecido por ter sido alvo dos ataques de Horne Tooke.”⁹

Lemos também em Robins que:

Como Tooke era rebelde por natureza e como Harris ocupava uma posição em harmonia com o que hoje chamaríamos “situação dominante”, este passou a ser um natural adversário daquele. Não constitui, portanto, surpresa que as ideias de Tooke sobre a linguagem se oponham diametralmente à tradição de gramática filosófica esposada por Harris. [...] Não foi difícil encontrar defeitos na obra de Harris, como passagens obscuras e casos de evidente contradição (ROBINS, 1979, p. 125)

37

7 Curiosamente, Aarsleff inclui a referência à linguagem (*die Sprach*) no título em alemão do *Hermes*. O título dessa tradução alemã aparece sem a referência à linguagem em Joly (THUROT, 2004, p. 7, n. 3) e no verbete dedicado ao tradutor Ewerbank na Wikipédia em alemão. A referência (HUMBOLDT, 1962, I) é do 1º volume da edição da correspondência entre Schiller e Humboldt.

8 Hutchings, embora faça uma comparação entre as ideias de Kant e de Harris nos dois primeiros capítulos de seu livro, entende que está – metodologicamente – comparando um trabalho muito ruim (o de Harris) com um trabalho muito bom (o de Kant). Em suas palavras: “Harris is a minor figure. He makes dull reading, and his arguments are, perhaps, of no great philosophical interest in themselves. But a comparison between Harris and Kant is, if the reader will bear with it, highly instructive” [Harris é uma figura menor. Sua leitura é maçante e seus argumentos são, talvez, de nenhum grande interesse filosófico. Mas uma comparação entre Harris e Kant é, se o leitor a suportar, altamente instrutiva] (1972, p. 11). Ele admite também que em vez de influência pode ter havido apenas reflexões paralelas e independentes dos dois autores.

9 John Horne Tooke (1736-1812) era clérigo inglês, político e filólogo.

No *Dictionary of National Biography* (DNB)¹⁰ [Dicionário de Biografia Nacional], no verbete destinado a James Harris, encontramos registros da opinião que Samuel Johnson (1709-1784), o bem conhecido poeta, ensaísta, biógrafo, crítico literário e lexicógrafo inglês, tinha sobre Harris. O DNB cita o que James Boswell (1740-1795) escreveu em sua monumental biografia de Johnson – *The Life of Samuel Johnson* – “O Dr. Johnson descreveu Harris como ‘um estudioso sombrio’; ‘Eu olhei seu livro’, ele disse, ‘e penso que ele não entendeu seu próprio sistema.’”. O DNB ainda diz: “Uma conversa com Harris na casa de Sir Joshua Reynolds é relatada por Boswell em 1778 [...]. Johnson parece respeitar sua erudição, mas chamou-o de ‘um pedante e um mau pedante’”.¹¹

Na França, até o aparecimento da tradução para o francês, em 1796, o *Hermes* de Harris era praticamente desconhecido, com as exceções de praxe, como a apontada por André Joly (THUROT, 2004, p. 8) de Antoine Court de Guébelin (?1719-1784), que o cita em sua *Histoire naturelle de la Parole, ou grammaire universelle à l'usage des jeunes gens*, publicada em Paris em 1776, ou a de Dominique Joseph Garat (1749-1833), professor de Thurot e responsável por sua indicação para realizar a tradução do *Hermes* para o francês.

O *Hermes*

Sobre as ideias apresentadas por Harris no *Hermes*, o que posso dizer – de saída – é que ele parece ignorar o pensamento grammatical da *Grammaire Générale et Raisonnée* de Arnauld e Lancelot, os Senhores de Port-Royal, ou de qualquer outro gramático francês (como se podia esperar de um bom inglês!). As fontes de Harris são outras: ele vai – entre outros menos conhecidos – diretamente aos filósofos gregos (Aristóteles, principalmente), aos gramáticos greco-latinos (Apolônio Díscolo, Varrão, Donato e Prisciano), aos gramáticos especulativos medievais (Boécio, por exemplo) e aos renascentistas Julius Caesar Scaliger (1484-1558) e Francisco Sánchez de las Brozas (1523-1600), o Sanctius. Ou seja, Harris ignora qualquer pensamento grammatical posterior ao século XVI. Nesse sentido, o pensamento de Harris, embora não seja completamente original, é único no século XVIII.

10 O DNB é um dicionário biográfico, publicado pela primeira vez, em 63 volumes, entre 1885 e 1901 (ver STEPHEN, L; LEE, S. (eds.), 1901). No DNB aparecem em ordem alfabética, pelo sobrenome, as biografias de personalidades que viveram no Reino Unido. Em 1917, o DNB foi cedido à Oxford University Press e em 1996 foi feita uma nova edição, com o título de *Oxford Dictionary of National Biography* (ODNB) que, atualmente, está disponível online por meio de subscrição (fonte: Wikipédia)]

11 O DNB dá referências incompletas, de forma que não podemos saber qual a edição do livro de Boswell está sendo citada. Na edição de 1873, os trechos citados estão na página 363 (ver Boswell, 1873).

O pensamento de Harris é, basicamente, racionalista. Mas, ele reconhece que não se pode deixar de prestar atenção às propriedades particulares de cada língua.

Harris concedeu maior importância do que alguns dos seus predecessores às particularidades de uma língua e às estreitas relações desta com a vida e a história do povo que a fala. Nesse ponto, antecipou-se às atitudes linguísticas mais características do movimento romântico (ROBINS, 1979, p. 124)

Por isso, considera-se, às vezes, que o pensamento de Harris fica a meio termo entre o racionalismo e o empirismo.

Uma primeira indagação pode ser feita com relação ao título da obra: por que Harris inclui no título de seu livro uma menção ao deus Hermes, da mitologia grega?

É interessante destacar que este procedimento de Harris não era raro; ele está agindo como Francisco Sánchez de las Brozas (1523–1600), conhecido também como El Brocense ou pelo nome latino Franciscus Sanctius, que nomeou seu trabalho mais influente – uma gramática do latim – de *Minerva, seu de causis linguae Latinae* [“Minerva, ou acerca das causas da Língua Latina”], publicado em Salamanca em 1587. Assim como Sanctius invoca Minerva (Palas Atena na mitologia grega), a deusa da sabedoria, da lógica, no título de um trabalho que procura dar um tratamento lógico à gramática, Harris invoca Hermes (cujo nome latino seria Mercúrio). A escolha do nome grego certamente também não é arbitrária, já que contraria o costume dos séculos anteriores de se citar os deuses por seus nomes latinos – como se pode ver, por exemplo, na *Minerva*, de Sanctius (1587), no *Mercúrio* de John Wilkins (1641) ou na revista literária *Mercure de France*, fundada em 1672 e ainda em circulação em nossos dias. Provavelmente, a escolha tem a ver com sua paixão pelo pensamento da Antiguidade grega.

Não é arbitrária, também, a escolha justamente do deus Hermes.

Na mitologia grega, Hermes tem múltiplas funções: é o inventor e guardião das línguas, é o deus do vento, é aquele que mantém a unidade do mundo e intermedia o corpo e o espírito, é o mensageiro, o mediador, o intérprete.

Platão, no diálogo *Crátilo*, um diálogo que discute basicamente a adequação e a correção dos nomes das pessoas e das coisas, tem Hermógenes (que quer dizer “filho de Hermes”) e Crátilo como interlocutores de Sócrates. Numa certa altura do diálogo, Sócrates diz:

Hermes aparenta estar relacionado ao falar, pois através da fala ele é o *hermeneuta*, o mensageiro, o blefador, o ludibriador e o negociante. Todas estas são atividades cujo princípio está na fala.

Tal qual falávamos ao tratarmos dos heróis, a *hermenêutica* é um dos bens da fala. Homero, por sua vez, caracteriza muitas vezes a artificiosidade da fala como *hermética*. O normalizador sobrepondo, para nós, estas duas, a *hermenêutica* da fala e sua artificiosidade *hermética*, no nome deste deus da seguinte maneira: “Humanos, seria justo que vocês o chamassem de *Hermeto*, o *hermeneuta do hermético*”. Mas agora, como achamos mais charmoso, o chama-mos pelo nome de *Hermes* (PLATÃO, *Crátilo*, 407e-408b)¹²

Segundo Apostolos Stavelas, professor de filosofia na Universidade da Tessália e autor de uma dissertação de mestrado que trata das fontes utilizadas por Harris (defendida na Universidade de Glasgow, Escócia, em 1996),

A escolha do nome *Hermes* para o título do livro está relacionada com as fontes do livro. [...] [Hermes] simboliza a unidade do espiritual com o mundo material, o contato entre o físico e o metafísico, a transição do primeiro para o segundo, das línguas e palavras às formas universais, existindo como elas em todos os lugares e em todos os tempos. A confusão nos tempos antigos de que deveria haver não um, mas muitos *Hermes* parece semelhante à inabilidade das pessoas em ver a unidade das formas e discernir o um em muitos. Além disso, *Hermes* representa aquilo que só acidentalmente pode ser percebido, aquilo que não pode ser completamente concebido por causa de sua supremacia divina. Um livro sobre a gramática universal deveria levar seu nome no título como se tivesse o mesmo papel de intermediação (STAVELAS, 1996, p. 17)

Parece clara, então, a intenção de Harris de usar o título *Hermes* em seu livro como indicação de que a gramática universal seria um elo de ligação entre uma entidade metafísica, uma linguagem “divina”, e as várias línguas, concretas, do mundo físico.

Segundo Stavelas (1996, p. 6), a noção de *Gramática Universal* de Harris: “sugere a existência real de certos conceitos (*realia*) em um certo reino metafísico e uma sujeição de nossos conceitos mentais a esses protótipos originais”. Ao contrário do que o termo *Gramática Geral*, como usado por Arnauld e Lancelot na *Grammaire Générale et Raisonnée*, sugere – a criação racional de uma gramática que possa se aplicar a todas as línguas – o termo *Gramática Universal*, como usado por Harris, supõe uma gramática “pronta”

12 Tradução de Celso de Oliveira Vieira. Publicado na forma de e-book pela Editora Paulus em 2014 (fiz algumas correções de forma no português).

num espaço metafísico que vai ser representada imperfeitamente pelas gramáticas concretas das várias línguas.

No pensamento de James Harris, as palavras são signos que simbolizam conceitos. Essa relação entre a forma simbólica e o conceito simbolizado é, para Harris, convencional – como é para Saussure, por exemplo – mas a relação entre a gramática e um *a priori* universal não é. As estruturas gramaticais correspondem a *formas* naturais¹³ e a linguagem torna evidente uma união natural das formas particulares usadas pelas diversas línguas com ideias universais (as “paixões da alma” de Aristóteles). Como somos naturalmente capazes de identificar essas formas, com seu uso no raciocínio podemos nos aproximar dessa realidade metafísica. E a gramática universal, então, apesar de ser um sistema de signos arbitrários, intermedia esse processo. Em outras palavras, a gramática universal consiste num conjunto de princípios semânticos, comuns a todas as línguas.

Uma aproximação entre a *gramática geral* de Port-Royal e a *gramática universal* de Harris é possível, na medida em que ambas supõem a existência de um “nível abstrato” comum a todas as línguas. Mas, enquanto a gramática geral se ocupa de princípios funcionais que são comuns às línguas existentes, se ocupa da descoberta de formas gramaticais unificadoras que se sobreponem às formas peculiares apresentadas pelas várias línguas, a gramática universal de Harris é um *a priori* verdadeiro que dá existência, por meio de uma correspondência transcendental, às formas específicas das línguas. Ou seja, essa abstração não é criada pela razão humana, mas tem existência real num mundo metafísico e antecede a razão humana. No racionalismo, em geral, o conhecimento verdadeiro só é obtido por meio da razão. Na gramática geral, a razão cria uma (meta)linguagem que vai permitir o acesso às verdades; na gramática universal de Harris, a razão busca essa verdade na relação entre a *matéria* das gramáticas das línguas particulares e uma suposta *forma* metafísica – a gramática universal.

O *Hermes* não é exatamente uma “gramática”, no sentido que se dava ao termo, é um livro de filosofia da linguagem. Não é uma “descrição” de alguma língua. E nem poderia ser de outra forma. Parece claro que o esforço de Harris se dirige à investigação, e descoberta, por meio da filosofia, daquilo “que só acidentalmente pode ser percebido, aquilo que não pode ser completamente concebido por causa de sua supremacia divina”, como diz Stavelas na citação acima.

13 A língua, para Harris, é composta de Matéria e Forma. A matéria da língua é o suporte sonoro (comum a muitas outras coisas que não a linguagem); a forma da língua é sua significação (significados particulares e universais). É justamente nos universais da significação (nas “ideias” universais) que reside a gramática universal. Veremos isso adiante com mais detalhes.

Baseado numa concepção claramente aristotélica, Harris nos diz:

Aquelas coisas, que são *primeiras à Natureza*, não são *primeiras ao Homem*. A *Natureza* começa pelas *Causas*, e então desce aos *Efeitos*. As *Percepções Humanas* começam pelos *Efeitos*, e então por degraus sucessivos ascendem às *Causas*. A Humanidade viu muitas vezes o Sol em Eclipse, antes que soubessem que sua Causa é a Interposição da Lua; muitas vezes viu as Revoluções incessantes de Verão e Inverno, de Dia e Noite, antes que soubessem que a Causa eram os duplos Movimentos da Terra (HARRIS, 1773, p. 9)

Ou seja, diante da diversidade das gramáticas das línguas, entendidas como efeitos, o esforço deve ser o de procurar a causa que as determina: a gramática universal. O “erro” dos gramáticos tem sido o de ficarem restritos aos efeitos, sem procurar as causas.

Essa busca das causas é, para Harris, uma investigação filosófica. Citando o comentador dos trabalhos de Aristóteles, Joannes Philoponus, filósofo bizantino do século VI, Harris nos diz: “É tarefa da filosofia mostrar em muitas coisas diferentes entre si, qual é sua característica comum; e em muitas coisas que têm uma característica comum, em que elas diferem” (HARRIS, 1773, p. 433).

Para Harris, a Causa de todas as gramáticas das diferentes línguas está na gramática universal, de que são apenas Efeitos.

42

Nesse sentido, o *Hermes*, organizado em três Livros que contêm, no total, 21 capítulos, vai discutir “filosoficamente” uma série de questões que envolvem a diversidade das línguas (e das gramáticas).

Harris inicia o Livro I com as seguintes palavras:

Se os Homens fossem por natureza destinados à Solidão, jamais teriam sentido o impulso de conversar uns com os outros, e se, como os Animais inferiores, eles fossem irracionais por natureza, não poderiam ter reconhecido os temas apropriados do Discurso. Uma vez que a FALA, então, é a Energia conjunta de nossas melhores e mais nobres Faculdades (isto é, de nossa Razão e nossas *Afeições sociais*) sendo o nosso Ornamento e Distinção peculiares, como *Homens*, essas Investigações podem certamente ser consideradas interessantes, bem como liberais, que pesquisam como a FALA pode ser *resolvida* naturalmente, ou como, quando resolvida, ela pode ser novamente *combinada*.

Aqui, um grande campo de especulação se abre diante de nós. Podemos contemplar a FALA, dividida em suas *Partes constituintes*,

tes, como uma Estátua pode ser dividida em seus vários Membros; ou então, como resolvida em sua *Matéria e Forma*, como a mesma Estátua pode ser resolvida em seu Mármore e Figura.

Essas diferentes *análises ou resoluções* constituem o que chamamos de GRAMÁTICA UNIVERSAL OU FILOSÓFICA. (HARRIS, 1773, p. 1-2)

Como se pode ver, a concepção de língua assumida por Harris, conjuga razão e socialização de forma íntima, o que não era comum no século XVIII¹⁴. Pode-se ver, também, que seu “método” para chegar à Gramática Universal consiste em assumir os enunciados como ponto de partida (ele diz à p. 12: “Devemos iniciar, então, com um *Período* ou *Sentença*, aquela combinação da Fala, que é óbvia para todos, e então passar, se possível, às suas *Partes primeiras*, que, embora essenciais, só são óbvias para poucos.”), dividilos em partes constituintes e, em seguida, estabelecer os procedimentos de combinação das partes. É preciso notar que a primeira divisão necessária é, para Harris, a divisão entre *matéria* e *forma* e que, para as divisões seguintes, a matéria – já que varia entre as línguas – é secundária. A busca, então, será de *formas* que possuem partes que também são *formas*.

No *Hermes*, apesar dessas declarações metodológicas, Harris segue o procedimento convencional e trata inicialmente de partes. Obviamente, não vamos nem tentar fazer aqui uma exposição mais geral da obra, mas alguns casos podem ser interessantes.

Comecemos com a classificação das palavras.

43

Para Harris, a classificação das palavras que encontramos nas gramáticas seguem critérios classificatórios bastante heterogêneos. E ele vai buscar um critério classificatório homogêneo.

Para ele, as palavras são signos e, portanto, possuem significados. Tomadas isoladamente, podemos dividir as palavras em dois grupos: as que têm significado próprio, estável (como *homem*, por exemplo) e as que só significam quando relacionadas a outras (como *que*, por exemplo). As que significam por si sós, Harris chama de *Principais*; as que só significam em relação vão ser chamadas de *Acessórias*.

As palavras Principais podem ser classificadas em função de suas denotações. As coisas a que as palavras se referem existem de duas formas: ou são *Energias* ou *Modificações* de alguma outra coisa (Atributos) ou não o são. Em suas palavras:

14 Enquanto Rousseau, por exemplo, pensava que as línguas decorrem da vida social, Herder pensava que a linguagem era, exclusivamente, fruto da razão humana. Ver Borges Neto (1993).

Assim, *pensar* é um atributo de um Homem; *ser branco*, de um Cisne; *voar*, de uma Águia; *ter quatro patas*, de um Cavalo. Se elas não existem dessa maneira [como Atributos de outra coisa], serão chamadas SUBSTÂNCIAS. Então, *Homem*, *Cisne*, *Águia* e *Cavalo* não são atributos, mas substâncias, porque onde quer que existam no Tempo e no Espaço não serão, nem delas nem de alguma outra coisa, Energias ou Modificações (HARRIS, 1773, p. 29)

Ou seja, tanto *pensar* como *homem* são palavras Principais, já que significam por si mesmas, mas enquanto *homem* significa uma substância, *pensar* significa um atributo.

As palavras Acessórias, aquelas que adquirem significação quando associadas a outras, também permitem uma subdivisão: ou são associadas a uma única palavra ou são associadas a muitas. Nas palavras de Harris:

Se [associadas] a uma única palavra, elas não podem fazer mais do que *definir* ou *determinar*, e por isso devem ser chamadas de DEFINIDORAS [“*definitives*”, no original]. Se [associadas] a muitas palavras simultaneamente, então elas não têm outro propósito do que conectar e, por esta razão, serão chamadas de CONETIVAS (HARRIS, 1773, p. 30-31)

Esse raciocínio – que não vou discutir aqui – vai levar Harris à conclusão de que na Gramática Universal só existem quatro classes de palavras (ou seja, 4 tipos de *signos mínimos*). Em suas palavras:

Assim, todas as palavras serão ou *Principais* ou *Acessórias*; ou usando outros nomes *significantes por si mesmas* ou *significantes por relação*. – Se *significantes por si mesmas*, elas serão ou *Substantivas* ou *Atributivas*; se *significantes por relação*, elas serão ou *Definidoras* ou *Conetivas*. Então, *embora diferentes*, todas as palavras estão de alguma maneira incluídas numa dessas quatro Espécies: SUBSTANTIVAS, ATRIBUTIVAS, DEFINIDORAS e CONETIVAS (HARRIS, 1773, p. 31)

Ou seja, independentemente do comportamento das palavras nas línguas particulares, todas elas podem ser incluídas numa das quatro classes. As diversas classificações das palavras que encontramos nas gramáticas das

várias línguas particulares são Efeitos que têm como Causa as quatro Espécies da Gramática Universal¹⁵.

Todo o Livro I, em seus 11 capítulos, é dedicado à análise das Partes Principais – Substantivas e Atributivas; o Livro II, com seus 5 capítulos, trata das Partes Acessórias – Definidoras e Conetivas.

Passemos agora às combinações das partes, que Harris trata nos 5 capítulos do Livro III.

Harris parte da ideia de que:

Toda as coisas, de alguma maneira, naturais ou artificiais, são constituídas de algo comum e algo peculiar; de algo comum e pertencente a várias coisas; e de algo peculiar, que as distingue e lhes dá sua verdadeira e própria identidade (Harris, 1773, p. 311-312).

Certamente baseado na definição por gênero próximo e diferença específica de Aristóteles, esse tipo de raciocínio levaria à delimitação da *essência* das coisas.

No caso das línguas, o que há de comum é que elas são constituídas de sons (da mesma forma que o ruído das cascatas e os ruídos produzidos pelos animais), mas o que lhes é específico – e as singulariza – é que esses sons possuem significado.

A partir daí, torna-se evidente que a LINGUAGEM, tomada na visão mais abrangente, *implica certos Sons, tendo certos Significados*; e desses dois princípios, o SOM é como a MATÉRIA, comum (como outra matéria) a muitas coisas diferentes; o SIGNIFICADO como aquela FORMA peculiar e característica, pela qual a Natureza ou Essência da Linguagem se torna completa (HARRIS, 1773, p. 315)

45

Certos conjuntos de sons, de forma compacta, recebem certos significados e são, então, chamados de *palavras*. E as línguas podem ser entendidas como *sistemas de palavras*.

Uma observação interessante é a de que as palavras não são “imitações” das coisas do mundo, mas são *símbolos*.

Mas são símbolos do quê? E Harris responde: “são SIMBOLOS DE NOSSAS IDEIAS: é evidente que se não são Símbolos de coisas *externas*, só podem ser Símbolos de coisas *internas*” (p. 340-341).

15 O raciocínio – basicamente semântico – que Harris usa para classificar as palavras tem alguma semelhança com o raciocínio usado por Arnauld e Lancelot na *Grammaire de Port-Royal*. Uma grande diferença, entretanto, está nas conclusões que tira: Harris chega a quatro classes de palavras, enquanto Arnauld e Lancelot chegam às classes já tradicionais (nome substantivo, nome adjetivo, artigo, pronome, preposição, advérbio, verbo, particípio, conjunção e interjeição).

Daí também podemos perceber a razão pela qual nunca houve uma língua, nem mesmo pode haver uma língua, que expresse as propriedades reais e a essência das coisas, como um espelho exibe suas figuras e suas cores (HARRIS, 1773, p. 336)

Para Harris, a natureza dos signos linguísticos – entendidos como unidades de Matéria (sons) e Forma (significado) – permite que, na investigação das partes, tratemos separadamente da matéria e da forma. Em suas palavras:

Para concluir – Como no Capítulo anterior consideramos a Linguagem em vista de sua Matéria, aqui a consideramos em vista de sua Forma. Sua Matéria é reconhecida, quando é considerada uma Voz; sua Forma, por ser significativa de nossas várias Idéias; para que no seu conjunto se defina - UM SISTEMA DE VOZES ARTICULADAS, OS SÍMBOLOS DAS NOSSAS IDEIAS, MAS PRINCIPALMENTE DAS QUE SÃO GERAIS OU UNIVERSAIS (HARRIS, 1773, p. 349)

Sempre que associamos um significado (uma “ideia”) a qualquer conjunto de vozes articuladas, obtemos uma *palavra*. E o conjunto de palavras obtido por essas associações vão constituir uma *língua particular*.

Essas palavras são formas que surgem das percepções que temos do mundo (externo ou “das coisas”; interno ou “da imaginação”) e são arbitrárias porque dependentes da cultura e da história de um povo.

Harris propõe a existência de diferentes ordens de formas, que apresenta através do exemplo do relógio: (i) um homem vê pela primeira vez um relógio e a ideia que tem dele é que a forma interna corresponde à forma externa, com a diferença de que ambas as formas resultam da matéria (madeira, metal etc.) e são coincidentes; (ii) esse mesmo homem vê uma sucessão de vários relógios e entende suas partes e seu funcionamento. Podemos dizer que ele possui uma forma inteligível de relógio (algo como um “conceito” de relógio) que abrange não só os que ele viu, mas qualquer relógio.

Segundo Harris, se perguntarmos “qual dessa Formas é anterior, a Externa e Sensível ou a Interna e Inteligível? A resposta é óbvia: a anterior é a Sensível” (p. 376). O que permite que se conclua que há formas inteligíveis que decorrem de formas sensíveis. Mas se pensarmos num relojoeiro que constrói um relógio, sabendo como ele funciona e como deve ser construído para que funcione adequadamente, estaremos diante de uma forma externa e sensível que funciona como um exemplar de uma forma interna e inteligível. Ou seja, podemos ter uma forma inteligível que é anterior a uma forma sensível.

Se pensarmos em artefatos – como relógios, por exemplo – podemos ter três ordens de formas: (i) uma inteligível e prévia ao artefato; (ii) uma

segunda, sensível e concomitante; e (iii) uma terceira, novamente inteligível, mas subsequente.

Depois da primeira dessas Ordens, pode-se dizer que o Artesão *trabalha*; por meio da segunda, os Artefatos *existem*, e são o que são; e na terceira eles se tornam *reconhecíveis, como meros Objetos de Contemplação* (HARRIS, 1773, p. 377)

Se não pensarmos em artefatos, mas em formas naturais – como um rio ou um campo, por exemplo – o raciocínio é o mesmo: há formas inteligíveis que decorrem de formas sensíveis¹⁶. Mas é aqui que o Deismo de Harris se manifesta. Para manter a ideia das três ordens de formas, ele precisa supor que as formas inteligíveis também podem anteceder formas sensíveis e ele propõe que os produtos naturais (equivalentes aos Artefatos) também são constituídos a partir de formas inteligíveis que são verdadeiramente anteriores a todas as formas sensíveis¹⁷.

A presença de ideias universais (formas inteligíveis) nas mentes, para Harris, é uma necessidade e ele considera que:

Em suma, todas as MENTES, existem, são SEMELHANTES e COMPATÍVEIS; e assim também são suas *ideias, ou formas inteligíveis*. Caso contrário, não poderia haver comunicação entre Homem e Homem, ou (o que é mais importante) entre Homem e Deus (HARRIS, 1773, p. 395-397)

47

Como no caso do relógio que vimos anteriormente, a observação das várias gramáticas particulares, com suas diferentes materialidades, e a busca das *formas* (simultaneamente sensíveis e inteligíveis) que as tornam gramáticas de uma língua, é tarefa indispensável para que possamos chegar às *formas da gramática universal*, formas inteligíveis universais, prévias a qualquer sensação e, poderíamos dizer modernamente, inatas.

Para finalizar, só gostaria de dizer que a diferença entre o racionalismo de Harris e um “racionalismo puro” está na necessidade – que Harris supõe – da observação dos fenômenos por meio dos sentidos como “etapa” para se chegar ao conhecimento. O conhecimento empírico, no entanto, não

16 Nesta passagem, Harris cita o princípio empirista, aceito de alguma forma por Aristóteles, pelos escolásticos e por Locke, entre outros: *Nil est in Intellectu quod non prius fuit in sensu* [Nada está no intelecto sem ter passado previamente pelos sentidos].

17 Nesta passagem, às p. 391-392, Harris inverte o princípio empirista, dizendo: “*Nil est in SENSU, quod non prius fuit in INTELLECTU*.” Pois embora o contrário possa ser verdadeiro com respeito ao Conhecimento meramente humano, nunca pode ser verdade com respeito ao Conhecimento universalmente, a menos que demos Precedência para ÁTOMOS e CORPO SEM VIDA, fazendo com que a MENTE, entre outras coisas, seja resultado de um golpe de sorte”. Pode-se ver aqui “ecos” do neoplatonismo.

basta. De qualquer forma, Harris admite uma *verdade empírica*: a verdade do conhecimento meramente humano. Isto é, há verdades que podem ser empiricamente conhecidas (fruto de observações sobre os *efeitos* e não sobre as *causas*): verdades contingentes, de validade accidental. As verdades eternas, abstratas, as “causas”, que transcendem o mundo das contingências, no entanto, só podem ser alcançadas por meio das *formas universais*. Certamente, as gramáticas das línguas particulares podem ser empiricamente verdadeiras mas, a verdade necessária sobre as línguas só pode ser encontrada na gramática universal.

Referências

AARSLEFF, H. *From Locke to Saussure*. London: Athlone, 1982.

ARNAULD, A.; LANCELOT, C. *Gramática de Port-Royal*. Trad.: Bruno Basseto e Henrique Murachco. São Paulo: Martins Fontes, 1992. O original, em francês, é de 1660.

BORGES NETO, J. A questão da origem das línguas: Rousseau e Herder. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, n. 24, 1993, p. 91-103. DOI: 10.20396/cel.v24i0.8636869. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636869>. Acesso em: 29 mar. 2021.

48

BOSWELL, J. *The life of Samuel Johnson, LL.D.* Edinburgh: William P. Nimmo, 1873. Disponível em: <https://books.google.su/ooks?id=rLEOAAAAYAAJ&printsec=frontcover#v=onepage&q=James%20Harris&f=false>. Acesso em: 29 mar. 2021.

HARRIS, J. *Hermes, a philosophical inquiry concerning universal grammar*, 4^a ed., revista e corrigida. Dublin: James Williams, 1773. Disponível em <https://archive.org/details/hermesoraphilos00harrgoog>. Acesso em: 19 mar. 2021.

HARRIS, J. *The Works of James Harris*, 2 v. London: F. Wingrave, 1801.

HERDER, J. G. *Ensaio sobre a origem da linguagem*. Trad.: J. M. Justo. Lisboa: Antígona, 1987.

HISTORY OF PARLIAMENT (online). (verbete “James Harris”). Disponível em: www.historyofparliamentonline.org. Acesso em: 29 mar. 2021.

HUTCHINGS, P. *Kant on Absolute Value*. New York: Routledge, 1972.

J. B. NETO
JAMES HARRIS e
o HERMES

MOUNIN, G. *Ferdinand de Saussure*. Paris: Seghers, 1968.

PLATÃO. *Crátilo*. E-book. Trad.: Celso de Oliveira Vieira. São Paulo: Editora Paulus, 2014.

ROBINS, R. H. *Pequena história da linguística*. Rio de Janeiro: Livro Técnico, 1979.

STAVELAS, A. N. *The Concept of Universal Grammar in the “Hermes” of James Harris, with Special Reference to his Classical Sources. Thesis (Master of Philosophy)*. University of Glasgow. Disponível em: <http://theses.gla.ac.uk/74988/1/11007909.pdf>. Acesso em: 29 mar. 2021.

STEPHEN, L.; LEE, S. (ed.) *Dictionary of National Biography*. 63 v. London: Smith, Elder & Co., 1901 (o verbete “James Harris” está no v. 25). Disponível em: <https://archive.org/details/dictionarnatio51stepgoog>. Acesso em: 29 mar. 2021.

THUROT, F. *Tableau des progrès de la science grammaticale*. Introdução e notas de André Joly. Limoges: L’Harmattan, 2004.

WIKIPÉDIA (diversos verbetes das versões em português, inglês, francês, espanhol e alemão).

49